

**ATA DA 1.ª SESSÃO EXTRAORDINÁRIA (ÚNICA REUNIÃO) DA
ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE AMARES, REALIZADA NO DIA
VINTE E CINCO DE ABRIL DE DOIS MIL E DEZOITO**

----- Aos vinte e cinco dias do mês de abril do ano de dois mil e dezoito, nesta Vila de Amares e no salão nobre do edifício dos Paços do Concelho, realizou a Assembleia Municipal de Amares a **Primeira Sessão Extraordinária** do corrente ano, única reunião, a que presidiu o excelentíssimo senhor Presidente da Mesa - **João Januário Tomás Domingues Veloso de Barros**, coadjuvado pela Primeira Secretária - **Júlia Ribeiro da Silva** e pelo Segundo Secretário - **Luís Filipe de Amorim Macedo**, que integram o Grupo Municipal Juntos por Amares, e em que participaram os excelentíssimos membros e Presidentes de Juntas de Freguesia: -----

Grupo Municipal Juntos por Amares: Elisa Amélia Rodrigues Brandão, Daniela Catarina Fernandes Pinheiro (em regime de substituição), Alberto da Paz Coutinho Alves, António Martins Peixoto (em regime de substituição), Adelino José Peixoto de Sousa, Duarte Nuno da Cunha Ribeiro (em regime de substituição), Hugo Miguel Rodrigues Martins, Liliana Daniela Machado Almeida, Carlos Alberto da Gama Oliveira e Elizabete Maria Martins de Macedo; **Presidentes de Junta de Freguesia:** Freguesia de Barreiros – Silvério de Jesus Barroso da Silva, Freguesia de Bouro (Stª Maria) – Elisabete Barbosa da Cunha, Freguesia de Bouro (Stª Marta) – Carlos Manuel Vilela Pereira Portela, Freguesia de Caires – Pedro António Rodrigues da Silva, Carrazedo – João Manuel Vieira Soares, Dornelas – António de Araújo Paredes, Fiscal – Augusto Fernandes Rodrigues Macedo, Goães – Pedro Duarte Cunha Peixoto de Sousa, União das Freguesias de Amares e Figueiredo – João Paulo Vieira de Brito, União das Freguesias de Caldelas, Sequeiros e Paranhos – Pedro José de Carvalho Araújo (Representante legal), União das Freguesias de Ferreiros, Prozelo e Besteiros – Paulo Jorge Almeida Gomes, União das Freguesias de Torre e Portela – João Manuel da Silva Fernandes, União das Freguesias de Vilela, Seramil e Paredes Secas – Rui Manuel Maia Tomada.-----

Grupo Municipal do Partido Socialista: membros Francisco António Pereira Alves, Jorge José Tinoco Ferreira, Mónica Cecília Fernandes Silva, Ana Patrícia da Silva Ribeiro (em regime de substituição) e João Batista Veloso. -----

Grupo Municipal MAIS: Sérgio Paulo Guimarães de Sousa, José Rodrigues Antunes e Maria Rosa Araújo Fernandes.-----

Presidentes de Juntas de Freguesia – Mandatos Independentes: Freguesia de Lago – Maria de Lurdes Soares Arantes (Representante legal), Freguesia de Bico – Fernando Daniel Fernandes Soares e Freguesia de Rendufe – Manuel Silva Machado (Representante legal). -----

O sr. Presidente da Mesa da Assembleia, informou o Plenário que: os membros **Martinho Gonçalves Antunes Braga** (GMJPA) e, sucessivamente, **Tomé Silvério Machado Macedo**

(GMJPA); **Domingos Aníbal Antunes Matos** (GMJPA), **Teresinha de Jesus de Sousa Pinheiro** (GMJPA) e, sucessivamente, **Tomé Silvério Machado Macedo** (GMJPA); **Mário Mendes** (GMPS), comunicaram, por escrito, nos termos do disposto no artigo 78.º da Lei n.º 169/99, de 18 de setembro, alterada pela Lei n. 5-A/2002, de 11 de janeiro, as suas substituições, durante o dia 23 de fevereiro de dois mil e dezoito, pelas eleitas imediatamente a seguir nas respetivas listas, sendo: **Daniela Catarina Fernandes Pinheiro** (GMJPA), **António Martins Peixoto** (GMJPA), **Duarte Nuno da Cunha Ribeiro** (GMJPA), **Ana Patrícia da Silva Ribeiro** (GMPS), respetivamente. Tendo sido verificadas as suas identidades e legitimidades e encontrando-se presentes na sala, os mesmos passaram a participar. Seguidamente, comunicou que os srs. Presidentes de Junta de: Freguesia de Lago, **Delfim Manuel Silva Rodrigues** (em mandato independente); da Freguesia de Rendufe (em mandato independente) **Domingos Almeida Alves** e da União das Freguesias de Caldelas, Sequeiros e Paranhos, **José Manuel Fernandes Almeida**, também comunicaram, por escrito, nos termos do disposto na al. c), do artº 18.º, da Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro, que se faziam representar durante o dia vinte e três de fevereiro de dois mil e dezoito, pelos representantes legais por si designados, sendo:- **Maria de Lurdes Soares Arantes** – Secretária da Junta de Freguesia de Lago, **Manuel Silva Machado** – Tesoureiro da Junta de Freguesia de Rendufe, **Pedro José de Carvalho Araújo** – Secretário da União das Freguesias de Caldelas, Sequeiros e Paranhos, respetivamente. Tendo sido verificadas as suas identidades e legitimidades e encontrando-se presentes na sala, os mesmos passaram a participar. -----

----- **AUSÊNCIAS:** Não se registaram quaisquer ausências à presente sessão da Assembleia Municipal. -----

PRESENCAS DO ÓRGÃO EXECUTIVO:- Estiveram presentes os excelentíssimos Presidente da Câmara Municipal senhor Manuel da Rocha Moreira, o Sr. Vice-Presidente Isidro Gomes de Araújo e os senhores Vereadores: Pedro Filipe Peixoto da Costa, Cidália Maria Alves de Abreu, Vítor Patrício Rodrigues Ribeiro, Emanuel Augusto da Silva Magalhães, e João Luís Veloso Alves Esteves. -----

Secretariaram a reunião o Técnico Superior - Rui Agostinho Gonçalves Veloso e a Coordenadora Técnica - Augusta Luísa Pinheiro Fernandes da Silva, ambos do Mapa de Pessoal do Município de Amares, que haviam sido designados para o efeito. -----

A Ordem do Dia para esta sessão era a seguinte: -----

PONTO ÚNICO – SESSÃO SOLENE DAS COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL DE 1974. -----

Às onze horas e trinta minutos, verificando-se que estava reunido quórum e em conformidade com o disposto nos n.ºs 1 e 4, do artigo 13.º do Regimento desta Assembleia, o senhor presidente

da Assembleia Municipal declarou aberta a Sessão. -----

PERÍODO ANTES DA ORDEM DO DIA

-----**Sr. PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL:** Agradeceu publicamente às instituições que colaboraram nas cerimónias protocolares e eventos inclusos no programa das comemorações do 44.º aniversário do 25 de Abril de 1974. -----

----- Para memória futura, transcreve-se na íntegra a intervenção prévia da aluna Margarida da Silva, do Agrupamento de Escolas de Amares, sob convite do Órgão Deliberativo: --

“— Liberdade, que estais no céu...

Rezava o padre-nosso que sabia,

A pedir-te, humildemente,

O pio de cada dia.

Mas a tua bondade omnipotente

Nem me ouvia.

— Liberdade, que estais na terra...

E a minha voz crescia

De emoção.

Mas um silêncio triste sepultava

A fé que resumava

Da oração.

Até que um dia, corajosamente,

Olhei noutro sentido, e pude, deslumbrado,

Saborear, enfim,

O pão da minha fome.

— Liberdade, que estais em mim,

Santificado seja o vosso nome.

(Miguel Torga)

Bom dia a todos!

Agradeço, desde já, o convite para discursar numa data tão marcante como esta na história do povo português.

Hoje, 25 de Abril, é o dia em que nos reunimos para celebrar a revolução dos cravos que aconteceu há precisamente 44 anos. Reunimo-nos para festejar alegremente o dia em que recuperamos um dos direitos fundamentais, a liberdade.

Se hoje temos a liberdade de nos reunir neste espaço, sem polícias prontos a prender-nos em caso de difusão de ideias divergentes à do Estado Novo, é porque alguém lutou por isso.

A 25 de Abril de 1974, um grupo de jovens capitães levou a cabo o golpe de Estado que, em menos de 24 horas, derrubou a ditadura que dominava Portugal há mais de quatro décadas. Foi de madrugada que as forças militares ocuparam pontos estratégicos em Lisboa e todo país e derrubaram a ditadura do Estado Novo. Para dar o arranque às operações utilizaram como sinais as canções de Paulo de Carvalho "*Depois do Adeus*" e de Zeca Afonso "*Grândola Vila Morena*" que foram transmitidos através da rádio.

Os militares fizeram com que Marcelo Caetano, o Presidente do Conselho de Ministros da época fosse deposto e a presidência de Portugal fosse assumida pelo general António de Spínola. A população saiu às ruas para comemorar o fim da ditadura de 48 anos, e distribuiu cravos vermelhos aos soldados em forma de agradecimento, dando origem ao nome "Revolução dos Cravos".

"Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo"

É com estas breves e claras palavras que Sophia de Mello Breyner Andresen descreveu aquilo que sentia relativamente a esta data. Este foi um dos muitos poemas de escritores da época, de forma a marcar aquilo que sentiram assim que alcançaram a liberdade, deixando esse legado para as gerações futuras como a minha.

A minha geração não foi reprimida, não viveu num país onde o "lápiz azul" da censura ditava o que podíamos ler ou não ler, não foi obrigada a integrar-se na Mocidade Portuguesa e a aclamar alguém que nos reprimia e certamente que não foi obrigada a guardar para si a sua opinião sobre aquilo que se passava no nosso país e não lhe agradava.

Contudo, à minha geração, foi-lhe ensinado como é que tudo isto aconteceu e como saímos desta situação que nos privou, durante tanto tempo, de abraçar novas ideias e ideais. Mas mais importante que isso, foi-nos ensinado o valor da liberdade, a sua importância e que nunca devemos deixar, em nenhuma circunstância, que alguém nos prive dela.

Diz-nos o Artigo n.º3 da *Declaração Universal dos Direitos do Homem*, que todos os indivíduos têm direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal. Porém, esses valores foram tirados ao nosso povo por 48 anos.

Durante 48 anos, o nosso povo perdeu a autonomia e direito a escolher. O nosso povo foi censurado e privado de exprimir o que achava, algo que parece impossível, visto que, como seres humanos, pensamos, criando opiniões e ideias que devem ser debatidas. Para que possamos tomar boas decisões e até aprender coisas novas precisamos de debater ideias com outras pessoas, tenham elas, ou não, ideias semelhantes.

Esse é o caminho para o avanço, seja em que área for, e como, diz o provérbio popular “A falar é que a gente se entende”.

Tal como comecei por dizer, a liberdade é um direito fundamental do ser humano e não nos deve ser negada. É com ela que nos expressamos, agimos e escolhemos. A liberdade é o grande motivo para vivermos, sem ela seríamos meros corpos, perderíamos a nossa identidade e seríamos reduzidos a meras cópias de outro alguém, alguém responsável pelo roubo da nossa liberdade e identidade.

Portanto, não devemos nem podemos esquecer o que esta data representa, pois uma vez caída no esquecimento, torna-se mais suscetível a que se repitam os erros que antecederam a revolução que estamos reunidos para celebrar.

Hoje, devemos celebrar os heróis portugueses que, no dia 25 de Abril de 1974, cansados, se revoltaram cumprindo os planos épicos que lhes foram destinados em obras como o *"Mar Português"* de Fernando Pessoa e *"Os Lusíadas"* de Luís de Camões.

Os soldados, comandados pelos heróicos capitães, marcharam como um só para pôr fim a um regime opressivo e reconquistar a liberdade que lhes fora tirada. Devemos celebrar aqueles que foram perseguidos, presos, que tiveram que deixar tudo para trás e sair do país e aqueles que arriscaram a sua vida em nome da liberdade, que morreram, que estiveram presos, que resistiram, como o escritor Luís Sttau Monteiro entre muitos outros. Sem eles nada tinha sido feito.

Hoje, temos o dia para lhes agradecer, prestar homenagem a todos os que lutaram por esta causa e desfrutar da nossa liberdade com responsabilidade, assumindo aquilo que dizemos e fazemos com ela.

Por fim, cabe-nos o papel de defender a liberdade e não deixar que nos seja roubada novamente, aprender com os nossos erros e não deixar que se repitam.

Tenho esperança no meu país, confio nele e, tal como diz Ary dos Santos, *«agora ninguém mais cerra/as portas que Abril abriu»!* Assim, no que estiver ao alcance da minha geração não deixaremos tal coisa acontecer.

Há 44 anos os portugueses saíram à rua eufóricos e faziam transparecer o orgulho na nação, tal como Sérgio Godinho escrevia na sua poesia *“Sou português de coração e raça/ Não há talvez maior fortuna e graça”*. Para mim, ser portuguesa é isso, ter orgulho na nossa nação, principalmente numa data tão bela como esta que assenta num feito tão grande como foi a luta pela liberdade, a Revolução dos Cravos.

Portanto, neste dia especial, tal como em 1974, devemos erguer com orgulho o belo e simbólico cravo vermelho e orgulharmo-nos da nossa nação, valorizar a nossa liberdade e celebrar a nossa vitória. Hoje e sempre! **25 de Abril Sempre! Viva a Liberdade! Viva Portugal! E Viva Amares!** Muito obrigada a todos!” -----

ORDEM DO DIA

PONTO ÚNICO:- SESSÃO SOLENE DAS COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL DE 1974. -----

----- **SÉRGIO PAULO GUIMARÃES DE SOUSA (MAIS):-** Transcreve-se na íntegra o texto que serviu de base à sua intervenção: “Como sabemos o 25 de Abril de 1974 marcou um ponto de viragem verdadeiramente decisivo na história do nosso país. Ocorreu a tão esperada transição para a democracia. Até então o país que se orgulhava de ser império, na verdade um império à deriva, vivia mergulhado numa pobreza escandalosa. A sua população apresentava-se maioritariamente analfabeta, os cuidados eram pouco menos do que inexistentes. Quanto ao ensino, reservado a uma minoria da população, não passava, tudo bem visto e considerado, de um banal sistema de propagação da ideologia fascista. Uma ideologia assente numa mitologia mesquinha. A ideologia de sermos um país de pureza e inocências sábias, porque ignorante dos vícios das nações ricas. Quanto á nossa riqueza, seria sobretudo simbólica, pois proviria de uma nobre e longa história de que o fascismo se arrogava ser o representante máximo. Uma história, que, na realidade, o fascismo traiu em toda a sua extensão. Portugal era assim um país à margem do mundo desenvolvido. Ensimesmado em si mesmo. Sem grandes perspetivas, a não ser a de se perpetuar numa mediocridade tão consentida como instigada. Foi por estas e outras razões que o 25 de Abril foi acolhido com enorme entusiasmo popular. Tratou-se de uma imensa janela a abrir-se sobre a esperança. O subdesenvolvimento, afinal, não era uma sina a que não pudessemos escapar e tudo estava em aberto para esse país tão ancestral, como é o nosso, e que se soube uma vez mais reinventar-se. Como é claro, nem sempre tudo correu bem. A recente crise por que passámos é exemplo suficiente disso. Mas não tenhamos dúvidas: a democracia foi o grande combustível que nos propulsionou para aquilo que hoje somos. Um país acolhedor, com valores humanistas, tolerante, atento às possibilidades que o futuro possa oferecer. E se muito boa gente hoje ainda questiona as virtudes da democracia, gente agastada com um país que persiste pobre e com instituições nem sempre a funcionarem como deviam, isso sucede por esta nossa democracia de que somos todos responsáveis ainda ter ela também um caminho a percorrer. As democracias, com o efeito, não são todas iguais. As mais jovens, como nossa, ainda dão, por vezes, sinais de inequívoca fragilidade. Outras mais evoluídas ostentam maior garantia de maturidade. Em todo o caso, uma coisa é certa: a democracia, se for fiel aos seus pressupostos e aos seus valores mais intrínsecos, é o sistema que melhor protege contra a pobreza e contra a tirania. Que melhor garantia oferece respeito pelos direitos fundamentais; e é o sistema sobre o qual melhor se projeta o futuro como esperança. Permito-me fazer notar que nunca na história da humanidade um país democrático entrou em guerra com outro país democrático. Quando há uma guerra, ela por norma implica sempre, pelo menos, uma ditadura. Isto diz bem, não obstante as inúmeras fragilidades de que possa padecer, da relevância da democracia. E se há algo que a democracia nos ensina, em especial as democracias mais evoluídas, é esta lição: o pior inimigo da democracia é a corrupção. E a corrupção, sejamos claros, não é apenas aquela que implica grandes capitais financeiros a serem transacionados ao arrepio da transparência e a despeito do bem comum. A corrupção começa a partir do instante em que, seja em que escala for, se inicia uma troca de favores destinada a favorecer ambas as partes em detrimento do bem comum. Quanto mais

corrupto um país, mais pobre. Quanto mais pobre, mais pobre também o será na sua envolvimento democrática. Exemplos não faltam por esse mundo fora. Infelizmente não é preciso sair de Portugal para os encontrar. É por isso que compete a cada um de nós a extrema responsabilidade de cuidarmos da nossa democracia. Uma democracia, convém recordar, que não se restringe às sessões da Assembleia Municipal ou às reuniões semanais do executivo camarário, nem tão somente às reuniões das diferentes Juntas. A democracia é isso, sem dúvida, mas é também mais do que isso. A democracia é o esforço quotidiano que todos podemos e devemos fazer no sentido de melhorarmos a vida dos outros a começar pela do nosso vizinho. É o empenho que colocamos ao serviço do outro, prestando atenção às suas necessidades, cientes de que também ele na altura certa cuidará das nossas. A democracia no seu desempenho elevado é o zelo de quem administra dinheiros públicos em garantir a maior transparência na gestão desses dinheiros, que são sempre escassos. E mais do que tudo, saber aplicá-los rigorosamente ao serviço da causa pública. A democracia, em suma, é dizer a plenos pulmões, não ao populismo. Não aos interesses camuflados de boas intenções. É dizer não à corrupção. Da parte de quem é eleito para representar a vontade popular espera-se, e isto parece-me evidente, um comportamento irrepreensível. Mas espera-se mais. Espera que o eleito, sobretudo aquele a quem é confiado o poder de decidir estratégias e planos de ação, disponha de maturidade cívica e de uma apurada sensibilidade social. Numa palavra., espera-se que seja capaz de delinear uma estratégia de fundo que possa definir objetivos a longo prazo e que a sua gestão se faça sobretudo sentir no exercício nem sempre fácil, mas imprescindível, da adaptação das medidas políticas em função desses objetivos fundamentais. Pelo contrário, todo o político que viva enclausurado em medidas pontuais, em decisões avulsas e carentes de enquadramento, que cede à tentação de prometer tudo e mais alguma coisa, sem se preocupar sequer com a visão de conjunto, esse é um político, não duvidemos, medíocre e falhado. Por outras palavras, um político incapaz de representar com dignidade os valores de Abril. A política sendo feita com real sentido das coisas, significa um empenho total. Total para estudar com profundidade os dossiês. Total para dizer não quando é preciso dizer não. Para arriscar quando é preciso arriscar. Para, em síntese, construir o futuro. Se a política for desempenhada sem qualidade, então, meus amigos, resvala fatalmente no populismo, que é como quem diz, dela o cidadão não pode esperar outra coisa que não seja mistificação, engodo e ilusão. A política popularucha é a que se faz de festas e de muito fogo de artifício, que mais não são do que encenações para mascararem a incapacidade crónica para resolver os problemas concretos dos cidadãos. Sobretudo aqueles problemas que requerem investimentos de longo prazo. Amares, todos sabemos, carece de infraestruturas básicas. A rede de saneamento não abrange ainda a totalidade do Concelho. E outras questões ambientais, igualmente relevantes, não têm merecido até ao momento uma resposta atenta. Quero recordar que o Concelho tem um problema grave ao nível das águas, a aguardar por um investimento urgente. Em termos de política ambiental, e é impossível não colocar a agenda ambiental na lista de preocupações prioritárias de qualquer município, não se assiste a nada de relevante, não obstante a existência de várias lacunas nesse âmbito. Quanto à captação de investimento, dir-se-

ia estar tudo parado. Isto não significa evidentemente que o concelho de Amares esteja estagnado e que nada se faça de significativo. Significa que há muito ainda por fazer e que é preciso fazê-lo sob pena, isso sim, de estagnarmos. Recordo, a título de exemplo, que ao nível da Ação Cultural, e não me estou a reportar a festas populares e afins, Amares, Terra de Sá de Miranda e de António Variações, pura e simplesmente não existe. Ora, como é sabido, a cultura é hoje em dia um investimento decisivo para projetar qualquer Concelho. Concluo, pois não quero ultrapassar o tempo que me foi concedido, com a resposta que me deu uma vez um Ministro Finlandês, era o Ministro da Educação, a quem num colóquio pedi que me definisse o que para ele significava a palavra democracia. Depois de pensar uns breves instantes, respondeu-me muito sabiamente o seguinte: “a democracia é andar como ando todos os dias a caminho da sede do Governo de transporte público.” Escusado será dizer que para esse Ministro de um dos países mais prósperos da Europa andar de mercedes para ir tratar de causa pública seria no mínimo algo de perfeitamente ridículo. Obrigado. Viva o 25 de Abril. ” -----

----- **MÓNICA CECÍLIA FERNANDES SILVA (PS):**- Transcreve-se na íntegra o texto que serviu de base à sua intervenção: “De um modo absolutamente surpreendente, o 25 de Abril de 1974 apresenta-se hoje como sendo apenas uma pequena miragem contemporânea entre a nostalgia irónica de um feriado nacional e a dura realidade de uma vida quotidiana que teima em desvalorizar os princípios democráticos implementados desde então. Instalou-se a ideia unânime em Portugal, ao longo destes últimos quarenta e quatro anos, que a representação simbólica do 25 de Abril está na força de um povo corajoso e determinado, que jamais deixará de reivindicar e de lutar pela liberdade. O sentimento de que é o povo de quem mais ordena está sempre subjacente à celebração anual do acontecimento. É igualmente uma vez por ano que se colocam cravos nas lapelas dos casacos dos cavalheiros e nos vestidos de gala das senhoras. Um país inteiro ornamentado de Norte a Sul, regiões autónomas incluídas, a bater a pala a uma distintíssima senhora de 44 anos que se chama democracia. A nossa democracia já madura por sinal, não tem vindo a saber adaptar-se à velocidade vertiginosa que o mundo gira. Alicerçada numa Constituição da Republica Portuguesa a necessitar de uns retoques jamais poderá deixar de cair em tentação os princípios e os valores que regem a nossa sociedade. Sem descorar a e ética e a moral que autorregulam a sociedade civil e contribuem ativamente para a pacificação de um povo que , por sim mesmo, já é brando por natureza. Os princípios e os valores morais definem o carácter dos indivíduos. Igual forma os valores corporativos de Abril definem a personalidade, a filosofia e a cultura de uma organização. A relevância dada a estes valores e princípios são fundamentais no estado de direito democrático. Nesse sentido, portanto, a democracia não é um cofre fechado a sete chaves. Há sempre lugar para se fechar coisas novas, interessantes, construtivas, de valor. No sentido inverso, haverá sempre a preocupação de desocupar espaço desnecessário com coisas vãs inúteis e prejudiciais, como é o caso do populismo. O crescimento galopante do populismo não se afigura como sendo apenas uma ocupação indevida do espaço no cofre da democracia. Mas um flagelo social altamente tóxico e prejudicial ao desenvolvimento dos povos. É um tema atual, pertinente e da maior importância. Em política, o populismo

apresenta-se como sendo uma ideologia que visa essencialmente a obtenção da simpatia de um determinado universo popular. É uma ideologia cada vez mais adotada nas sociedades ocidentais pela classe política e não só tem como principal objetivo a manipulação intelectual do maior número possível de pessoas. O expoente máximo contemporâneo dessa poderosa ferramenta é o presidente *Donald Trump*. Sempre com legítimas aspirações pelo poder como pano de fundo, vale tudo para tentar convencer as massas. Desde classificar os rivais internos e externos impreparados, incompetentes, preguiçosos, uns verdadeiros néscios, que não fazem a mínima ideia daquilo que fazem ou dizem. Até às declarações bombásticas que entusiasmam, à criação e, por vezes, invenção de inimigos comuns. À criação de ídolos, às falsas promessas, às mentiras convenientes, às promessas irrefletidas e o piscar de olho malandro ao eleitorado. Tudo faz parte do *modus operandi* dos populistas. Na base servem essencialmente para perceberem que contam com aquele eleitorado, quando finalmente chegar a tão ambicionada poltrona do poder. É uma espécie de compromisso unilateral entre duas partes, em que o eleitor é o único que pode perder e nunca ganha. Um presente envenenado, portanto. É considerado populista aquele que anuncia o apoio a uma série de medidas que agradam maioritariamente às classes sociais com menos acesso à informação, mas que geralmente está longe do seu horizonte implementá-las. Normalmente ou atozes, utilizam táticas diversas das quais se destaca a promoção e o fomento gratuito da intriga, da discórdia, a confrontação direta, utilização de chavões e a acusação abusiva de concertos como pátria, terra, amigos e lealdade. Em cada período da história de uma determinada comunidade há momentos em que se torna necessário ver além daquilo que os nossos olhos conseguem alcançar. Temos que estar atentos a todos os sinais do populismo fácil e manipulador. Estrategicamente distanciados para não tomarem nenhum partido devemos ser capazes de sinalizar todas as promessas fáceis. Enquadrá-las no nosso quotidiano, verificar se são exequíveis ou não. Fiscalizá-las permanentemente e denunciar se for caso disso. Ao revisitar o passado percebemos facilmente a existência de muitos erros. Pequenos, grandes e irremediavelmente irreparáveis. Houve-os antes do 25 de Abril e há-os agora quarenta e quatro anos depois. É urgente termos a clarividência necessária para separar o populismo da popularidade e escolher no mais elementar exercício da liberdade intelectual a meritocracia em detrimento das ardilosas saudações na forma tentada de abraços e beijinhos. A melhor forma de honrar a revolução de Abril, é colocar em prática os seus fundamentos ideológicos. Liberdade, fraternidade e verdade. Nunca é tarde para agir. Nunca é tarde para honrar. Nunca é tarde para sermos verdadeiramente livres. Nunca é e nunca será tarde para lutar por um futuro melhor para a nossa terra. Viva o 25 de Abril. Viva a Democracia. Viva a Liberdade. Viva Portugal. Viva Amares.”

----- **LILIANA DANIELA MACHADO ALMEIDA (JPA):**- Transcreve-se na íntegra o texto que serviu de base à sua intervenção: “Pertencço a uma geração que nasceu e cresce cívica e politicamente já depois de 1974. Não conheci a guerra colonial, não sofri os efeitos da censura, nunca vivi rodeada pelo medo. Vivo o 25 de Abril pela memória dos outros mas com tanto respeito quanto nos merece aquele que temos pela Democracia e por todos aqueles que muito

contribuíram para o seu engrandecimento. Celebrar hoje o 25 de abril mais do que uma homenagem deve ser uma ponte para a reflexão. É importante reconhecer e elogiar o passado recente, mas também refletir sobre o presente para melhorar o futuro, em que a política tem que estar assente no respeito, no valor da palavra, da família e da solidariedade. Uma política em que estes valores não estejam presentes não nos leva a lado nenhum, tendo nós um país repleto de oportunidades, de norte a sul, do litoral ao interior, tendo um povo com enormes qualidades como temos, compete-nos a todos trabalhar em prol do melhoramento da educação, da saúde e outros serviços fundamentais, vamos valorizar a família, a palavra, a honra, a ética ou o dever do respeito pelo ambiente e pelo serviço público. No nosso concelho muito tem sido feito ultimamente para o desenvolvimento desses valores fundamentais, as desigualdades têm sido diminuídas com os apoios e obras sociais, o turismo tem sido valorizado no nosso concelho, a saúde tem sido apoiada de várias formas, tanto pela ajuda de custos na medicação como pela preocupação com as questões ambientais e pela prática de desporto como é o exemplo da semana do associativismo que está a decorrer, e que apresenta diversas atividades que melhoram a saúde dos amarenses. Desde o 25 de Abril de 1974 o sentimento de liberdade tem-se tornado cada vez mais forte, todos queremos ser livres independentemente do quê, do motivo ou da situação, o problema está, quando a nossa liberdade coloca em causa a liberdade de quem nos rodeia. A democracia é isto mesmo, a aceitação e o respeito pelos outros. Mesmo sendo livres não podemos dizer tudo o que queremos, a liberdade acaba aí mesmo! Assim, cumpre a cada um nós, na medida das suas possibilidades, continuar a dar o melhor de nós próprios na contínua edificação de um país e concelho mais rico, mais livre e mais justo. Temos que dar o melhor de nós! Este é o nosso dever, este é o nosso maior desafio!

Viva a liberdade! Viva Amares!” -----

----- **PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL:-** Transcreve-se na íntegra o texto que serviu de base à sua intervenção: “Abril de 74 também se fez de palavras, música e poemas. Por isso, iniciamos da melhor forma a celebração deste 25 de Abril, com a participação das escolas de música do nosso concelho, do agrupamento de escolas de Amares e das associações concelhias.

Bem hajam pela vossa presença, energia e esperança! Há 44 anos, os capitães de Abril, numa atitude concertada de coragem, punham fim à mais longa ditadura da europa ocidental do séc. XX, dando início a uma nova era política em Portugal. Os 48 anos de regime ditatorial marcaram profundamente a nossa história: A pobreza e as desigualdades sociais; O medo, a repressão, e a ausência de liberdade de expressão; A baixa escolarização e as péssimas condições de saúde; Era este o retrato do país que em Abril foi capaz desencadear a revolução que hoje estamos aqui a celebrar e que representa um dos maiores marcos da história do nosso País. Este era também o Portugal que, durante 13 longos anos, enviava os seus homens para combater numa guerra sem sentido. Um passado que não vamos esquecer! Por isso hoje, ao homenagear os Combatentes de Amares, de forma simbólica, recordamos, sobretudo, esses jovens que, arrancados das suas vidas e das suas famílias, partiram para o desconhecido das colónias, de onde muitos nunca mais voltaram. A eles e às suas famílias a nossa memória, que devemos passar às gerações futuras,

para que a guerra nunca mais volte a acontecer! É este também o sentido de continuarmos a celebrar Abril! **Caros Autarcas, Convidados, Minhas Senhoras e meus senhores.**-----
Recordamos o passado para falar do futuro. Um futuro que exige responsabilidade e compromisso em honra de uma história que nos trouxe até aqui. Um futuro que se constrói passo a passo, antecipando mais e melhor modernização, mais e melhor competitividade, mais e melhor educação e justiça social. Porque são estes os desafios que o 25 de Abril nos deixou. Neste segundo mandato, ao serviço do poder local, prosseguimos norteados pela responsabilidade que é exigida à ação política. E, por isso, a consolidação das finanças da autarquia, foi, desde a primeira hora, um compromisso que assumimos e cumprimos. Congratulamo-nos com a redução da dívida na ordem dos 45%, cerca de 6 milhões de euros em 4 anos. Congratulamo-nos com a forma como investimos o dinheiro público ao serviço das necessidades identificadas e com as taxas de investimento, as mais elevadas de sempre, registadas no Município de Amares. Sabemos que ainda há um caminho a fazer para cumprir os objetivos de Abril que foram pensados por muitos homens e mulheres e que a primeira constituição portuguesa de 1976 consagrou; mas sabemos também que todo este percurso terá de ser feito em paralelo com a credibilização da vida política; sendo esta uma exigência que terá de implicar o envolvimento de todas as forças políticas do concelho. **Minhas Senhoras e Meus Senhores**, Enquanto autarcas e responsáveis, temos todos de ser capazes de dignificar a vida política. Trabalhei a maior parte da minha vida como professor, rodeado de jovens. São estes jovens que muitas vezes me batem à porta com ideias, com projetos, com tantos sonhos e vontade de mudar o mundo. Pois que nós sejamos capazes de permitir que eles desenvolvam o seu potencial, acreditem na política, e sejam a sociedade ativa, a voz da democracia participativa que tanta falta faz. Ninguém se convença que sozinho pode e sabe tudo porque a democracia é, justamente, um exercício de várias vozes. Apesar de todos os avanços desde 1974, após 44 anos de poder local, ainda há infraestruturas básicas que têm de ser feitas, que (garanto-vos) vão ser feitas no concelho de Amares, nomeadamente ao nível do saneamento e abastecimento de água. Vamos também continuar a apostar na educação, na ação social e na saúde, na reabilitação urbana e dinamização económica, no turismo e no ambiente, na juventude e associativismo como motores de desenvolvimento, crescimento e afirmação do nosso concelho. Acima de tudo, precisamos de olhar para Amares e vê-la grande como ela é! Terra escolhida para monges erguerem os seus mosteiros. Aqui se apaixonou Sá de Miranda para se tornar um dos maiores poetas de toda a história. Terra de torres medievais e trovadores, fomos passagem de grandes cavaleiros como D. Gualdim Pais. Heroicos amarenses combateram com bravura e foram referências na primeira grande guerra e na guerra colonial. A partir daqui conquistaram o mundo, afirmando a sua individualidade, o grande António Variações e o chefe Silva. Terra fecunda para as melhores laranjas e o melhor vinho. Somos 82 km² de terra abençoada. Esta é a nossa grandeza, este é o nosso legado. Um legado que exige que pensemos grande, que atuemos de forma a estarmos ao nível dos melhores concelhos de Portugal e do mundo: os mais criativos, os mais desenvolvidos, os mais ousados. **Minhas senhoras e meus senhores**, Estamos empenhados e comprometidos na construção de um concelho

que orgulhe as gerações futuras. O capitão Salgueiro Maia dizia: - “todos somos capitães”! De facto. Os que conquistaram a liberdade e os que já nasceram em liberdade: todos estamos convocados para esta causa. Num mundo onde ainda assistimos a tantas intolerâncias e pequenas ditaduras de pensamento, é necessário usar a liberdade para contribuir para um futuro coletivo melhor. Um futuro que nos orgulhe! E por cada criança e jovem aqui hoje presente há um sinal de Esperança e um motivo maior para o nosso empenho! Obrigado pela vossa presença. Obrigado a todos que participaram nestas celebrações de Abril. Contem comigo. Eu conto convosco. Viva o 25 de Abril! Viva a liberdade! Viva o concelho de Amares!” -----

----- **PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL:**- Transcreve-se na íntegra o texto que serviu de base à sua intervenção: “**Minhas senhoras e meus senhores**, Começo, naturalmente, em nome da Assembleia Municipal de Amares, por agradecer e saudar a vossa presença e a todos os que contribuíram para a realização destas comemorações. Quero agradecer de forma particular à Banda Filarmónica de Bouro Santa Maria, aos Estudos Musicais da Associação de Fomento Amarense, ao Clube Desportivo Recreativo e Cultural Amarense, aos Bombeiros Voluntários de Amares, ao Núcleo da Cruz Vermelha de Amares, ao Movimento Cívico dos Antigos Combatentes, à Secção Columbófila de Amares e ao Centro de Estudos Musicais Luís Capela, entre outros. Agradecer a todas as crianças e jovens e respetivos docentes que nos proporcionaram os momentos musicais que engrandecem estas comemorações, na pessoa da professora Filomena Araújo. Trazendo consigo a alegria, o otimismo e a cor que são a marca que queremos para este dia. Agradeço aos seus pais e familiares pela disponibilidade que tiveram em os levar aos ensaios e os trazerem neste dia. Ao Agrupamento de Escolas de Amares, na pessoa da sua diretora, Professora Flora Monteiro, pelo seu empenho pessoal e entrega para que o agrupamento estivesse envolvido nestas comemorações. Agradecer aos alunos pela sua magnífica participação de hoje. Ao Gabinete do Associativismo do Desporto e Juventude da Câmara Municipal de Amares e associações Amarenses envolvidas, por novamente, este ano, terem voltado a realizar um trabalho meritório e sempre inovador, patente nestas cerimónias e nas atividades que decorrem na semana do associativismo de Amares. Estes merecidos agradecimentos, que têm sido crescentes de ano para ano, são a prova do grande envolvimento que, atualmente, estas cerimónias se revestem. Como em todos os municípios do país, as comemorações do 25 de abril não se resumem exclusivamente as estas sessões solenes. São celebradas com música, teatro, exposições e conferências sendo prova de que as comemorações do 25 de abril não são um mero formalismo para cumprir calendário. São a prova de que a revolução de abril e o seu espírito vive nos corações dos Portugueses e as suas celebrações são uma afirmação de que abril é para sempre. E que é um desidrato nacional recordar e informar as gerações mais novas do seu significado e importância. É por isso, que o envolvimento das crianças e jovens é fundamental para a manutenção da memória coletiva da revolução de abril. Com cidadãos informados a Democracia será hoje e amanhã. Contribuindo para que as novas gerações possam dar continuidade a este espírito democrático e se consciencializem dos seus direitos e deveres sociais. Com estes atos, num dia tão importante para a Democracia em Portugal, cumprimos a nossa responsabilidade

enquanto fiéis depositários dessa herança conquistada, contribuindo para que o 25 de Abril de 1974 não seja esquecido ou desvalorizado. **Minhas senhoras e meus senhores**, Celebramos, hoje, 44 anos sobre o 25 de Abril de 1974, o dia da Liberdade. Hoje relembramos todos aqueles que instauraram a Democracia e a Liberdade depois de décadas de autoritarismo e de ditadura. O 25 de Abril será, com toda a certeza, dos militares que o fizeram, mas também será daqueles militares ex-combatentes no ultramar que, à custa do seu sangue e, muitas vezes da sua vida, honraram uma bandeira que era a deles, a de todos nós. As comemorações deste ano, pela primeira vez, iniciaram com uma homenagem aos antigos combatentes, em particular, aos falecidos na guerra de ultramar. A homenagem foi simbolizada pela deposição de flores, pela formatura de antigos combatentes de uma delegação do Movimento Cívico de Antigos Combatentes e, sobretudo, por uma grande solenidade e respeito pelos que tomaram em combate. Muitos deles jovens, com naturais expectativas de vida, que serviram o seu país numa guerra injusta como todas as guerras, deixando uma dor perpetua nos corações dos seus familiares e amigos. Hoje é imprescindível afirmar que não são apenas os familiares e amigos que nunca se esquecem do sacrifício derradeiro. Por isso, em público reconhecimento, enumero os seus nomes desses heróis para que fiquem associados de forma indelével a esta sessão solene comemorativa dos 44 anos da revolução de abril:

Adelino da Cunha

Adelino Magalhães

Albino Soares

António Magalhães

Armindo Machado

Avelino da Silva

Domingos de Campos Sá

Francisco Barbosa

João Araújo

Joaquim Carvalhosa

José de Jesus

José Gonçalves

Manuel do Vale Rodrigues

Manuel Lopes

Manuel Pimenta Rodrigues

Este momento foi sobretudo daqueles que já partiram, pelo que se devia ouvir o silêncio das recordações e o exemplo que eles nos deixaram. **Peço a todos um minuto de silêncio em suas memórias. Minhas senhoras e meus senhores**, No dia 15 deste mês estive presente nas comemorações dos 40 anos do Clube Desportivo, Recreativo e Cultural Amarense. A referência a esta associação justifica-se, neste momento solene, pela sua ligação indissociável, desde há muitos anos, às comemorações do 25 de abril do nosso município. Participando nas cerimónias solenes,

como promovendo eventos culturais inovadores relativos a esta temática, no contexto concelhio, de forma abnegada, persistente e sonhadora. O que é muito revelador dos seus valores e causas. Ao longo dos seus 40 anos diferenciou-se quer à forma de estar, quer às modalidades desportivas que promoveu, quer às atividades culturais que dinamizou. É de inteira justiça endereçar os agradecimentos e parabéns, em nome da AM, a todos aqueles que contribuíram para esses exemplares 40 anos que tocaram e abrilhantaram muitas vidas. **Minhas senhoras e meus senhores**, Liberdade é responsabilidade. Democracia é sinónimo de liberdade de expressão. Essa liberdade que nos concede o direito de discordar, de concordar e acusar de forma pública. O espaço público e os órgãos de representação política são espaços de intervenção onde a Liberdade de expressão é a sua força maior. Porém neste legítimo exercício da liberdade, deve estar presente a responsabilidade. Cada um de nós tem de assumir a responsabilidade daquilo que diz e daquilo que faz em nome da liberdade. E deve respeitar o próximo da mesma forma que exige respeito para si próprio. Nem sempre isso se verifica e temos diversos exemplos disso mesmo. Muitas vezes, quem o faz não é consequente com essa responsabilidade, limitando a liberdade dos outros através de manipulações anónimas, por vezes, desonestas manifestando um total desprezo pela mesma liberdade que lhes permite dizer o que dizem e escrever o que escrevem. Para esses, lamentavelmente, o 25 de Abril ainda não cumpriu a sua missão. **Minhas senhoras e meus senhores**, Nestes últimos anos e mais recentemente temos sido confrontados com sucessivos escândalos na gestão da causa pública aos quais não ficamos indiferentes. Temos neste momento vários inquéritos judiciais e decorrer que envolvem diversas figuras de destaque que desempenharam funções de importância na gestão do nosso país. Estes comportamentos têm corrompido a crença na nossa democracia e criam nos Portugueses uma insatisfação e descrença na participação política do seu país. O resultado de toda esta insatisfação e descrença acaba por criar condições propícias ao despoletar de perigosos fenómenos extremistas, assentes numa retórica ou, como agora também se diz, numa narrativa populista e demagógica. Aliás, são inúmeros os exemplos eleitorais que temos vindo a assistir quer na Europa quer noutros continentes em que o populismo e o extremismo antidemocrático, tem conseguido assumir cada vez mais uma posição de destaque e, em alguns casos, decisiva na formação de alguns governos. São fenómenos como esses que não podemos querer para o nosso País. Por isso impõe-se que assumamos todas as nossas responsabilidades de cidadãos conscientes. Este dever de cidadania não nos pode permitir cair na fácil tentação de por em causa o nosso regime democrático nem cair numa descrença que nos coloque à margem da sua participação. Temos de ser participantes e vigilantes na firme defesa dos valores e princípios democráticos. Viva a liberdade, Viva Amares, Viva Portugal.” -----

PERÍODO DE INTERVENÇÕES DO PÚBLICO

----- Não se registou qualquer formalização de pedido de intervenção. -----

----- Sendo doze horas e cinquenta e quatro minutos e não havendo mais nada a tratar, o sr. Presidente da Mesa da Assembleia Municipal declarou encerrada a presente reunião (única), da primeira sessão extraordinária do corrente ano da Assembleia Municipal de Amares, da qual se lavrou a presente Ata, que tem como suporte gravação digital de tudo quanto ocorreu na respetiva reunião, que, depois de lida e aprovada, vai ser assinada pelo Presidente da Mesa da Assembleia Municipal, **João Januário Tomás Domingues Veloso de Barros**, que dirigiu os trabalhos, e por mim, **Rui Agostinho Gonçalves Veloso**, Técnico Superior do Mapa de Pessoal único deste Município, para tal efeito designado, que a redigi e dou fé de que tudo se passou como nela fica exarado. -----

Presidente da Assembleia Municipal
(João Januário Tomás Domingues Veloso de Barros)

O Técnico Superior
(Rui Agostinho Gonçalves Veloso)